

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Brito Camacho

Não posso, neste mesmo a última hora, forçado por outros serviços que me levaram o tempo e fatigaram extremamente, escrever o pedido e prometido artigo acerca de Brito Camacho, cuja morte estamos deplorando. E é ainda muito profundo e recente o golpe, viva a comoção, o que torna mais próprio o eludido silêncio do que o monossilabar de palavras tristes e vagas. Fica para outra vez o artigo, e limito-me a trasladar, agora, ao papel, tam puramente, quanto a sinto de mim para mim, a grande mágoa da sua perda.

Brito Camacho era um intelectual. Em regra, a intelectualidade anda renegada ou divorciada da política (da acção governativa e reacção pública ou movimento de partidos e suas conflagrações a que menos própria mas inveteradamente damos o nome de política). A não ser nos períodos graves de convulsão, sobremodo quando terminais de longa, dolorosa, obscura e persistente agênciã e influência do espírito na vida social, em que então, de entre os que o cultivam, são trazidos aqueles que mais diligenciarão no movimento para a nova acção política.

Talvez só por isso, moço estudante da geração do *Ultimatum*, Brito Camacho dirigiu a sua inteligência e a consagrou à actividade política, mas desde logo e até ao fim aliada com a actividade literária, para onde mais espontânea e dominantemente o atraíam suas naturais qualidades. Provido de cultura científica, metódica-severa na observação dos factos, e, ao mesmo tempo, com o fervor e paixão dos princípios e ideias, em que consubstanciava o seu credo, Brito Camacho havia de ser, como foi, um político da feição especial e menos comum, por isso um tanto estranha, dos intelectuais. Os seus artigos, como os seus discursos, a sua obra na propaganda, como no governo, são claros raciocínios, pensamentos meditados, concisos e precisos, expressos em palavras ou em obras.

Que a sua eloquência era fria... Repugnava-lhe o simples jôgo do verbalismo êco e taful, mas tinha aquela eloquência mais alta da força da razão, da profundidade e multiplicidade dos conhecimentos, do estudo reflectido, sem que por isso deixasse de, por vezes, em notas veementes, atingir a mais comovedora vibração oratoria.

Jornalista, deixa uma obra, porque são nma verdadeira obra os seus artigos e comentários de jornal pela viveza do comentário, a mordacidade da ironia, o ardor do combater, a autoridade do raciocínio, a firmeza das convicções. Era um homem de letras e para as letras viveu, sem amortecer jámais o fôgo da sua paixão política e do seu amor à República, os últimos anos. Em seus livros há páginas de verdadeira beleza no descriptivo e no sentimento regional, puras e límpidas de forma, sem o rebuscado de forma que as desnatura e enoja de literatice condensa e postica. E' que, na política, na imprensa e no parlamento, como nas letras, no jornal e em seus livros, Brito Camacho foi um homem sincero e simples, de que sobressai, como lição perdurável, a inteireza de carácter.

EDUARDO D'ALMEIDA.

QUEM SERÁ?...?

Quem será que de noite anda a bater-me à porta
Três pancadas de leve, e fuge, e se transporta,
Ao silêncio do nada?...
Corro presto à janela e fico o nada a ver...
Mas quem foi que bateu?... E sinto-me tremer
Da escuridão calada...

De quem será a mão misteriosa, fria
Que me traz alta noite a febre e a agonia
De não ver o que ouvi?...
Perscruto mais a noite e nela afundo o olhar:
Nas dobras de seu manto eu cuido interrogar
O que ouvi e não vi...

Mas que querem de mim?... Será acaso a Dôr,
Que com a sua asa, enorme de terror,
A' minha porta bate?...
Se já tenho bebido o fel do meu Calvário,
Se o Gólgota ascendi curvado, extraordinário,
Da Dôr quero o resgate...

Será o bater da Morte?... A garra da Miséria,
O Espírito de Alguém em busca da Matéria,
Perdido, no Infinito?...
Será a Malvezade, o Ódio, a Desventura,
Fôgo-Fátuo, Miasma, Espectro, Sepultura,
Rialidade ou Mito?...

E eu que pressinto, agora, a Vida ao pé da Morte,
Que me sinto vergar, embora activo e forte,
Cogito: — quem será?...
Tudo tenho espalhado em prol da Humanidade!...
— Talvez que seja a paga à minha Caridade:
A Fome de amanhã!...

Setembro de 1934.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

COISAS & LOISAS

UMA OPINIÃO

Final, o antigo «Castelo dos Almadás» — conhecido hoje, por «Castelo dos Desalmados» continua a ser o *vergonhoso espanto* de todos aqueles que visitam Guimarães. Os vimaranenses já não estranham a *arrogância do abatesma*, porque estão habituados a ver outras *misérias* semelhantes, algumas das quais desapareceram ultimamente, o que é motivo para dar muitas graças a Deus.

Mas, voltando ao Castelo *fantasma*, esta vergonha poderia desaparecer se, quem de direito, o entregasse a uma *Companhia de Sericultura*, aproveitando-o, esta, para um *viveiro* de bichos da sêda, a única coisa a que pode ser adaptável, salvo melhor opinião. A' falta de outra resolução, aqui fica registado este alvitte, que fará desaparecer o rótulo que tem, actualmente, aquela *famosa descoberta*, cujo rótulo ficará a ser o seguinte: — *Viveiro dos bichos da sêda*.

Por este processo, cria-se uma *nova indústria* em Guimarães — a da cultura do bicho da sêda; só para este fim — e para isto está mesmo a calhar — se poderá utilizar, tanto mais que não há

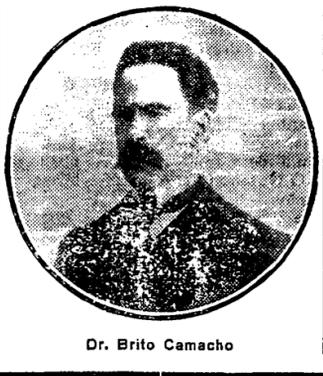
meio de os *entendidos* lhe darem outro destino...

Como está, só por *arte mágica* se pode tolerar!

O VERBO TABELAR

Foi estabelecido, no concelho de Guimarães, o tabelamento do vinho, que provocou satisfação a uns e descontentamento a outros. Não sou pessoa competente para discutir o assunto. No entanto, entendo que obrigar o consumidor a comprar mais caro, quando há abundância de produção, não é muito de aconselhar. Conseguir a exportação dos nossos vinhos, em larga escala, seria uma medida bem mais acertada, assim como acertada seria uma fiscalização rigorosa sobre a hora do encerramento das tabernas.

Tabelamento, sim, mas para evitar o excessivo preço de alguns géneros de primeira necessidade. Porque não tabelar, por exemplo, o preço do milho, que, ainda há pouco, se vendeu a 25\$000 o alqueire?! Se o proprietário está sacrificado com o agravamento das contribuições e, portanto, tem necessidade de não vender ao desbarato os produtos da agricultura, é certo, também, que o pobre tem direito à vida. Mas, como digo, não sou pessoa competente para



Dr. Brito Camacho

discutir este assunto. Que o faça quem mais competência tiver e oxalá tudo seja melhorado no sentido de todos — pobres, remediados e ricos — viverem conforme aquele sagrado principio em que assenta a humanidade: — «Não queiras para os outros o que não queres para ti».

Se os pobres não querem para os remediados e para os ricos a desgraça e a miséria, também estes não devem querer para aqueles nem unia nem outra coisas.

COMO O MUNDO ANDA!

O Comissário federal da assistência de Nova York suspendeu os subsídios aos desempregados, devido à falta de fundos. Segundo o que li, são quatrocentas mil famílias — *quatrocentas mil!* — que ficam sem assistência. Verifica-se, infelizmente, que a miséria se alastra, assustadoramente, por todo o mundo! O que se passa em Nova York, a terra dos dólares, é significativo. Parece que o mundo de hoje está condenado a desaparecer para ceder o seu lugar a um outro, que poupe à humanidade flagelos desta natureza.

Razão tem quem diz. «Como o mundo anda!»

Ptpt.

Espinhos e acúleos

I
Alguém pintou a alegria
Figurada em mulher nua;
O que a Moral não diria
Ao vê-la assim pela rua.

II
Proibem os mandamentos
Da carne a má tentação;
E Moisés, quantos rebentos
Tem pedido a «castração».

III
Quem ri desmedidamente,
Se não é tólo, faz mal;
Todo o riso que se invente
Só valoriza ao jogral.

IV
«A galinha não é galo»,
Provérbio de bem falar...
Homem, que podes louvá-lo,
Antes evita o casar.

V
«Quem não pode, arreia»;
— Sei de muito homem casado
Que em casa leva tareia,
E que se julga «obrigado».

VI
«Deus ajuda a quem trabalha»,
— Mentira, deixem falar;
O pobre nem a migalha
Tem, se a não puder comprar.

VII
Aos laços da natureza
Não há quem resista mais...
A Morte é uma tristeza,
— «Não chores que também vais».

L. COELHO.

Arquivo Municipal de Guimarães

Encontra-se definitivamente instalado o Arquivo Municipal, de que é illustre director o sr. Conservador da Torre do Tombo, Dr. Alfredo Pimenta — no antigo edificio dos Paços do Concelho, no Largo da Oliveira.

No próximo dia 14 de Outubro deve effectuar-se solenemente a abertura ao público, em sessão especial, onde falará o Director do Arquivo.

Sabemos que já estão ou vão ser distribuídos convites às principais individualidades de Guimarães, para assistirem a essa sessão.

Citânia de Briteiros

Um artigo de Manuel de Guimarães e uma carta do sr. dr. Alfredo Pimenta.

AOS MEUS LEITORES

Devo aos meus leitores uma explicação que me julgo na obrigação de lhes dar, não vão eles pensar que fiquei mal ferido na contenda originada pela contradita do sr. Dr. Alfredo Pimenta, que não foi justo para comigo. No número 134 do «Notícias» escrevi sobre a Citânia um artigo em que pedia, a quem de direito, solução para o problema da dessedentação e olvitava a montagem dum serviço dessa natureza «compreendendo, pelo menos, água, refrescos, cerveja, gazosa, serviço que seria feito em pequenas mesas de ferro, a branco, com cadeiras do mesmo tipo». Propositadamente e em atenção ao local, não falei em **vinho**; é preciso acentuar isto para se vêr a deslealdade com que fui tratado pelo meu illustre contraditor. Logo no número 135, o sr. Dr. Alfredo Pimenta acusa-me de *pretender transformar a Citânia de Briteiros em estância de turismo ou local aprazível de regabofes!* E mais: *o atractivo da Citânia não está nos hotéis ou nos restaurantes ou nas tabernas de peixe frito e sardinha assada, com o verdasco que lá puserem!* Mais a nda: *quanto mais fechada, quanto mais isolada, quanto mais distante, quanto mais ignorada for dos patuscos de camionetas, com farnéis de merendas e possíveis bebedeiras inherentes — não dignamente se couseira a Citânia, e maiores e mais úteis serviços pôde prestar à Ciência.* Ora, os meus leitores, vêm, sem grande esforço, a baralhada que tudo isto dá: *Que barafunda!* Que amalgama, Santo Deus! Então era bebendo um copo de água ou de cerveja, uma gazosa ou um refresco, uma limonada, por exemplo, que se transformava a Citânia em local aprazível de regabofes? Onde e quando é que eu defendi a construção na Citânia de hotéis, restaurantes ou tabernas de peixe frito com verdasco? Quando é que eu advoguei ou defendi a ida ou permanência na Citânia, de patuscos de camionetas, com farnéis de merendas e possíveis bebedeiras inherentes? Nunca.

Eu, sem que êle o saiba, leio muito o sr. Dr. Alfredo Pimenta e ainda, recentemente vi, algures, a sua confissão de que com alguns contraditores foi duro, por julgar êsse o seu dever. Seria também, por julgar de seu dever que exagerou demasiadamente e sem necessidade uma questão tão simples e de somenos importância?

Por último, pedia para eu retirar a minha sugestão. Não lhe fiz nem faço a vontade, não obstante a consideração que me merece a sua alta cultura e incontestada inteligência, porque não tenho de que me retratar. Escrevi o que entendi, dentro das minhas possibilidades mentais; o sr. Dr. Alfredo Pimenta não concordou e disse o que pensava; quem tiver de resolver o caso, solução-o segundo o critério que julgar mais justo e equitativo e nada mais; nem o sr. Dr. Alfredo Pimenta, nem eu, temos que retirar coisa nenhuma. Não será assim?

Vamos adiante: no número 137, para não deixar o sr. Dr. Alfredo Pimenta sem resposta, o que não seria gentil, disse o que entendi para evitar polémicas que só redundam em desprestígio da nossa Guimarães esperando, confesso-o, que isso o não contentaria, dado — como de todos é sabido — o seu modo jornalístico de esgrimir. E não me enganei. No número 138, aparece-me, de novo, a emprazar-me que lhe responda a quatro articulados — *tantos como as virtudes cardiais* — para pôr a questão, já de si embrulhada, mais confusa ainda. Não é por menos consideração pelo sr. Dr. Alfredo Pimenta que, ainda desta vez, não lhe faço a vontade; continuo a julgá-lo, sem favor, um homem de súper cultura e o expoente máximo da intelligência portuguesa; aprecio muito, mesmo muito, a secção «Cultura» do «Diário de Notícias», onde sua excelência pontifica como Mestre; a minha admiração, porém, não vá ao ponto de me considerar obrigado a responder-lhe, dados os termos imperativos a que só um colegial poderia subordinar-se e também porque os seus quatro articulados têm o seu quê de draconianos.

Rematando. — não há maneira de me saírem do ouvido estas palavras do Mestre: — «Não profanemos mais a Citânia, sr. Director, que já bem profanada tem ela sido! Não afrontemos mais a memória de Martins Sarmento, que fartamente, indecorosamente, tem ela sido afrontada já! Bem sei que na intenção dos signatários, não está nem a profanação da Citânia, nem o afrontamento à memória de Sarmento. Sei isso muito bem». Ora, se assim é, se o sr. Dr. Alfredo Pimenta, sabe muito bem que eu não tinha — como não tenho, nem nunca tive, desde criança — a intenção de profanar a Citânia, nem afrontar a memória de Sarmento, a que título, pergunto eu aos meus leitores — que não ao meu illustre contraditor — a que propósito e com que intenção, vieram aqueles períodos para uma discussão que, a meu vêr, nada tinham com o caso? Será isto um mistério tão insondável como o das ruínas da Citânia? Parece-me bem que não; o tempo o dirá, se é que alguém o não desvendou já; eu é que não atino com êle. E, então, ocorro perguntar: se aquelas tiradas não eram para mim, nem para o sr. A. F., com quem estou em perfeita comunhão de ideias, porque as encaixou ali o sr. Dr. Alfredo Pimenta? Certamente que elas vizam alguém e só por um ricochete jornalístico ali foram metidas. Que culpa tenho eu que alguém tenha profanado a Citânia ou afrontado a memória de Martins Sarmento? Quem deve é que tem obrigação de pagar e eu, a êsse respeito, felizmente, não tenho de dar contas a ninguém.

Querem vêr os leitores um caso que vem reforçar a minha ideia da dessedentação na Citânia? No dia 21 fui à Citânia em companhia de três Senhoras e dois cavalheiros, para lhes mostrar o relicário que immortaliza, para todo o sempre, o nome glorioso de Martins Sarmento; uma das pessoas é de Lisboa e as restantes do Porto, tendo ido ali a meu convite pelo muito que quero a Guimarães e a tudo que com ela se relaciona. A meio da visita as Senhoras pediram-me água e eu tive de confessar-lhes que não a havia ali e mandei-lha servir nas Taipas! E quando as vi dessedentar-se, quasi com sofreguidão, lembrei-me da minha imprevidência de não ter levado no carro um garrafão com água e lembrei-me, também... do sr. Dr. Alfredo Pimenta e do seu ataque à minha ideia! Querem nomes? Capitão Pedro Corrêa, rua da Voz do Operário, 48 - 2.º - Esq. do e Capitão Almeida, rua do Marquês de Sá da Bandeira, 194; o primeiro de Lisboa e o segundo de Vila Nova de Gaia; as Senhoras eram pessoas de família destes meus amigos.

Continuo, pois, na minha, agora mais que nunca; nada de vinho mas água e refrescos em abundância. Não querem êsse serviço intra-muros da Citânia? Pouco importa; montem-no na casa do guarda ou na periferia da Citânia propriamente dita. Por muito sagrado que o local seja, nada impede, a meu vêr, que ali se não possa cumprir uma das obras de misericórdia: dar de beber a quem tem sede.

Lisbôa, 24-9-34.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

* * *

Sr. Director: — quem tiver seguido esta pequena discussão levantada à volta da tese de se transformar a Citânia de Briteiros em lugar de turismo, não pode negar que eu me tenho mantido sempre dentro da mais severa objectividade.

Não sei, portanto, a que vem a irrequietude do meu espirito, trazida à balha pelo sr. A. F. que continuo, e ainda bem, a ignorar quem seja.

Não se discute se sou quieto ou irrequieto. O que se discute é se a Citânia de Briteiros deve estar como está ou se devemos transformá-la em estância de turismo. Isto é o que se discute.

Fiz, na melhor boa-fé, e com o mais sincero propósito de conduzir bem a discussão, para modificar o meu parecer, ou para o consolidar, certas perguntas ao sr. A. F., pois que enquanto nos não entendessemos sobre o em que consiste um lugar de turismo, estavam, os dois, a lidar no vácuo.

Sua ex.ª responde-me que já está velho para examinar... Fecha-me, dêsse modo, a porta, e eu não lho merecia, porque o não tratei mal. Não é a mim que sua ex.ª pode acusar de empurrar a discussão para o caminho da crítica mordaz, da censura incisiva, das frases irónicas, das críticas mordentes — coisas feias que sua ex.ª invoca no seu artigo.

Não posso louvar-lhe virtudes e qualidades, porque não sei quem é. Porque não sei quem é, também lhe não posso contestar. Dai, a minha frieza, e o ter-me cingido unicamente ao problema em discussão.

Mas sua ex.ª põe ponto à conversa. Seja. Não me despeço, porém, sem lhe

observar que no capítulo da remoção dos pedregulhos da Citânia, o sr. A. F. está numa posição muito perigosa.

Se bem entendo as suas palavras, o sr. A. F. quer:

1.º) que se continue a exploração da Citânia;

2.º) que as pedras de que não se encontra o assento primitivo sejam para vedar a cidade morta.

Quanto à necessidade de se continuar a exploração da Citânia, estamos de acordo. Sou absolutamente da mesma opinião. Simplesmente, isso não tem nada que ver com turismo: por outro lado, falta o principal, o essencial, o indispensável: o sábio que execute esse trabalho. Atribuir tal função a arqueólogos feitos à pressa; ledores, por alto, de livrinhos de inspiração; cataventos desmoteados, jurando, hoje, uma coisa, para vinte e quatro horas depois, jurarem outra; atirando-se de cabeça para a primeira solução que se lhes apresenta, isso nunca: seria uma catástrofe! A falta de mãos competentes que mexam e remexam, sem perigo, as ruínas inexploradas da Citânia, mais vale deixar estar o que está, até que o tempo e a fortuna deem a Guimarães um arqueólogo da ciência e da consciência de Sarmento.

Pelas alminhas de quem lá tem, sr. A. F., não me meta os arqueólogos da Paço Galvão em bosta!

Basta o que basta!

Já aqui, nestas colunas gentílimas das *Notícias de Guimarães*, outra voz se ergue, a fazer eco à minha, neste problema: a do sr. M. F. que também não sei quem é, mas mostra, pela maneira de se exprimir, ser um espírito culto, sensato, e de boa visão. Disse sua ex.ª que ficou horrorizado com o que viu na Citânia. E' escusado repetir a sua impressão. Propôs o sr. M. F. que se vedasse todo o recinto por meio dum gradeamento. Um, dois, dez gradeamentos, aplaudo! Quanto mais vedada, quanto mais isolada, quanto mais fechada estiver a Citânia, tantas mais probabilidades eu tenho de que os meus netos possam, um dia, passar por lá, e dizer: «por aqui, andou o meu avô...». Agora se me fazem da Citânia lugar de turismo — adeus minhas encomendas, e da Citânia de Briteiros, nem por um óculo, se vê, dentro em pouco tempo, nada!

Em matéria de tolice, basta o que já se fez. Deixemos, pois, estar o que está. E pegar nas pedras de que se não conheça o assento primitivo, e fazer com elas um muro cinteiro?

— Nem falar nisso, sr. A. F.!

Isso era desfazer a Citânia, a 200 quilómetros à hora! Não se sabe o assento primitivo das pedras soltas da Citânia? Pois está bem: que fiquem onde estão, que é aí o seu lugar.

Não se sabe o assento primitivo das pedras? Mas se, quem é se? Se é o homem da rua, ou o investigador erudito? Se é o guarda da Citânia ou qualquer criatura que se lembre de acordar arqueólogo?

... Mas o sr. A. F. não quer discussões. Está no seu direito. Mas devia começar por não formular alvitres. Formulou-os sobre uma coisa que para mim é sagrada — como vimaranense que sou, sem pedir licença a ninguém, e como estudante de nada que me esforço por ser: a Citânia de Briteiros, documento positivo da ancianidade da nossa terra, e lembrança perene da actividade científica de Martins Sarmento.

Como as formulou, vim à barra, opôr o meu veto. Atrás de mim, veio o sr. M. F. E fomos dois, e somos dois — em Guimarães, a protestar contra a ideia de se turismar a Citânia de Briteiros.

Não há mais o que fazer?

Lembro-lhe eu, agora, sr. Director, que talvez conviesse ao bom nome desta terra, V. ... levantar um inquérito, e intergar, uma por uma, algumas das pessoas que, entre nós, se interessam pelas coisas da inteligência e do saber. Não se olhe à quantidade: atenda-se à qualidade: e pergunte-se-lhes: a *Citânia de Briteiros deve ser transformada em estância de turismo?*

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato, o de V. ... muito amigo

Casa da Madre de Deus.

ALFREDO PIMENTA.

N. R. — O "*Notícias de Guimarães*", acompanhou com neutralidade a discussão travada entre os seus ilustres colaboradores e amigos srs. A. F., Manuel de Guimarães e dr. Alfredo Pimenta, dando por terminada a questão que, há umas semanas, vinha sendo debatida nas suas colunas.

A. F. e Manuel de Guimarães expuseram uma ideia, o sr. dr. Alfredo Pimenta protestou, e aqueles nossos colaboradores voltaram a discutir a Citânia. Ambos deram por terminada a polémica, e o sr. dr. Alfredo Pimenta dá a também por finda, da sua parte.

Cada um ficou com a sua opinião e todos, podemos afirmá-lo, com a vontade firme de verem a Citânia protegida e bem tratada, pois ela representa o esforço hercúleo dum Sábio cuja memória merece o respeito de todos os vimaranenses.

O SEGURO DE VIDA

Palavras que o Rei de Inglaterra pronunciou na inauguração do "Chartered Insurance Institut.,"

«O Seguro é uma função social, económica e comercial de uma importância mundial que, actualmente, como vós o sabeis, é indispensável ao bem-estar de todos os Países civilizados, porque permite a protecção contra as contingências que até os mais felizes não podem ignorar e que os mais previdentes não podem, em regra, evitar.»

Jorge V é um dos monarcas que honram a Humanidade e tem por isso já a nossa admiração.

Portugal, à medida que o número de segurados aumente, (não esquecendo nunca a importante *Companhia de Seguros «Comercio e Industria»*) será cada vez mais feliz.

A ignorância e a miséria diminuirão. Talvez até desapareçam para sempre.

J. Bastos Monteiro.

Em Guimarães.

Esquema semanal

CATÁSTROFES

Nem só o Vesúvio criou uma das maiores tragédias de que há memória — *Pompeia* — atirando uma cidade inteira para a sepultura com as suas chapadas de lume e com sua dança de labaredas. Nem só os sópros do vento *Camsim*, cobrindo de poeira a vegetação do vale do Nilo, gerando uma atmosfera de molestar os olhos, torna os egípcios mártires quando lhes traz a miséria e, por vezes, a fome. Também no oriente, um povo existe que inúmeras vezes sofre e veste o luto, sempre forçado a andar com o «credo na bôca» — o Japonês.

De ano para ano raro é que uma catástrofe não deixe de marcar a «dedada» da sua hebdiondez, martirizante e torturadora, referendo em carnificina e estuando de ignição.

Na semana finda, um violento furacão destruiu centenas de lares e arrastou em seus ímpetos mais de duas mil almas para a morte — o que compungiu a humanidade sentimental e irmã, o que fez derramar muitas lágrimas doridas. Ficarão livres os japoneses de mais desgraças ou sentir-se-ão aterrados ainda pela escândara permanente do seu Fusi-Yama?

DOUMERGUE

A França em seus momentos de perigo, sempre encontrou um Homem que a salva e a liberta de situações difíceis. Ontem, Catémence e Poincaré trou-

xeram-lhe a glória e a grandeza da vitória sobre os impérios centrais; hoje, Doumergue estabiliza-lhe o erário público, impõe a moralidade nos serviços de Estado e dá-lhe a paz interna — *sub lege libertas*.

Grande estadista Doumergue! Grande democrata e grande político!

BRITO CAMACHO

Inesperadamente, os jornais informaram, em secção necrológica, que Brito Camacho deixou o mundo dos vivos para lembrança triste e saudade de todos aqueles que, de perto ou de longe, privaram com a sua inteligência e foram favorecidos pela sua amizade.

A inteligência brilhante espargida nas inúmeras páginas dos seus livros e posta em distinção pela sua palavra fluente; a amplitude de que nos orgulhamos e que se traduziu num abraço de despedida, após a confissão de desejar empreender uma longa viagem, sem que o cálculo do tempo de demora fosse determinado e computado; e ambas nos tarjam a alegria e alienam a razão.

Já lá vão três anos! E do anseio pelo seu regresso, este morto ficou ao saber que partiu para nunca mais voltar que empreendeu uma viagem tão longa que se tornará indefinida, e que da sua recordação só ficou o Homem próbo e sem mácula, álgido e inerte.

OUTONO

Das quatro quadros do ano, duas há que são todo o nosso encanto e enlêvo: a Primavera e o Outono.

Que uma quer outra, enchem-nos a

alma de sonho, trazem a fascinação a nossos olhos e reflectem-se no coração com a intensidade dum amor doído, impassível à dor mas transluzente de esperanças.

A Primavera é uma via-láctea de odores rescentes e embalsamados, é a seiva da vida a insuflar energias novas, que vão da insignificância até Deus. Obriga à sensibilidade, maravilha com as suas cores estranhas e deleita-nos pelos cânticos que sobem até às nuvens — as auroras róseas, a brisa frêns e embaladora, o Sol benfazejo e criador, os trilos das aves tateantes, o perfume enlanguesciente e inebriante dos roseirais, o pôr do sol sangrento e ignívoro, as noites cáldas e serenas, e a lua de coral!...

Por sua vez, o Outono representa a decadência da vida, mas construindo sempre um novo sonho que se agarra à esperança, subindo até à sufocação. E urdindo com a atmosfera a teia que agrilhoará qualquer outro sonho alimentador da vida, forte e alterada, por vezes lerda e paciente, essa corrupção quantas almas torna libérrimas ao lavar a sua sentença de morte, e também quantos «balões de oxigénio» faz despejar sobre o sofrimento que não ardeou a ideia dessa mesma vida!...

O Outono tem os seus mistérios profundos — o nascimento e a morte — à face dos quais se formou a noção de beleza, única e sem igual, que nos coloca no avontade completo do êxtasi, nos faz estetas e profundamente líricos, se o olharmos em toda a harmonia e plenitude, desde as suas manhãs frescas ao poente de golfadas de hemótico, desde o sol mortificador aos seus luars lácteos e eternos, juncado o chão de fôlhas amareladas a par dos cadáveres que se nos deparam suntuosos tão fúteis para o Universo.

LÉFECÉ.

Várias notas

(Retardado)

O «Notícias» não tem, no presente número, espaço bastante para todas as suas secções. Por isso mesmo, vamos focar apenas três assuntos — os principais:

— Dignou-se alguém, o que muito nos satisfaz, atender os nossos rogos mandando limpar a placa da Caixa do Correio.

Já podemos ir ali lançar as nossas cartas sem o receio de *esbarrarmos* com determinadas *biografias*. Muito bem.

Nós, que andamos sempre a protestar com toda a razão — contra os velhos e inestéticos *pardeiros* que se vêem pela cidade, não podemos deixar, também, de lavar o nosso protesto contra a construção de certo «*Chalet*» que é mais uma verdadeira vergonha para a estética cidadina.

Com mais espaço, voltaremos.

Os açambarcadores de cereais estão *fazendo*, ao que consta, o seu *negóciozinho*, com o prejuízo das classes pobres. Providências!

Egoísmo

Esta *virtude* assentou os arraiais, tam profundamente na nossa terra, que não há maneira de a deixar. E' pena que assim aconteça porque é, principalmente, devido ao egoísmo feroz, radicado e ingente, cultivado com o mais acrisolado carinho e alimentado com o mais acendrado fervor, que se deve o estado de atraso, imperdoável e condenável, em que se encontra uma cidade bem digna de melhor sorte. Curar, exclusivamente, dos interesses individuais em prejuízo da colectividade — Guimarães — é egoísmo puro e esta *virtude* não se compadece com o diploma de cidadão honesto e exemplar e, muito menos, com o amor à terra que nos criou, onde temos o nosso lar e onde colhemos o necessário — e até o superfluo — para a nossa existência. Guimarães, terra de trabalho que sempre foi, tem recursos para não se deixar estagnar, vergonhosamente, ao ponto a que chegou. O egoísmo, porém, da maior parte, subordina os interesses colectivos aos interesses pessoais e ficam, ao que parece, bem com a sua consciência... de egoístas. Em geral, quer nos cafés, como nos centros de cavaco, todos desejam o engrandecimento da sua terra; e todos almejam melhoramentos vários; na ocasião propícia, porém, surge o egoísmo e não há desculpa que não apresentem, nem escusa que não ofereçam, tendentes à negação do seu auxílio. E, assim, quando alguém tenta, com boa vontade, enfrentar um problema que demanda o auxílio pecuniário da grei, logo aparece, meia dúzia, pelo menos, de egoístas plutocratas, a desmerecer o problema em questão, desvirtuando-o, até, tam somente para evitar o seu auxílio pecuniário, defendendo, como eles dizem, a bolsa. E, como sem esse auxílio, o problema não se pode resolver, fica, como é natural, sem solução. Uma vez por terra o problema que só traria vantagens para a terra, o plutocrata, egoísta de alma, coração e, até, de consciência, rindo-se, liti-

mamente, da derrocaia que ocasionou, com a sua avareza vai sentar-se num banco do jardim e, muito senhor da sua omnipotência, embora com lágrimas de crocodilo, é o primeiro a lamentar o estado de atraso em que tudo se encontra na sua terra, *por culpa dos outros*.

Ora, como os plutocratas são, em geral, do mesmo jaez e pensam do mesmo modo, atribuem-se, mutuamente, as culpas, como meio de defeza que, está claro, nada tem de inteligente e, muito menos, de benemerente, antes pelo contrário. Enquanto os ventos não mudarem de rumo, Guimarães há de permanecer no estado de pobreza material em que se encontra, estado que não se compadece com a riqueza gerada pelo trabalho das suas fábricas e oficinas, como do seu comércio e da sua indústria. E dessa pobreza, que vexa e humilha, são responsáveis, principalmente, os plutocratas, pela simples razão de que, quem não tem, nada pode dar.

JOÃO DAS TAIPAS.

Por Guimarães — Cidade e Concelho

Da colecção do «Notícias de Guimarães», — depois que principiei a ser um dos seus mais humildes e obscuros colaboradores — constam alguns escritos meus, nos quais me refiro à necessidade de serem atendidas, dentro do possível, as reclamações dos habitantes de todo o Concelho. E' um direito que todos têm e que deve ser tomado na consideração devida, porque só assim se poderá fazer justiça a todos, visto que todos têm direito a ela. Qualquer orientação diferente desta não é equitativa nem mesmo corresponde ao fim que tem em vista a principal Corporação Administrativa do Concelho — a Câmara Municipal, à qual compete fazer uma obra de interesse e de benefícios gerais, da qual aproveitem, portanto, todos os Municípios. Se a cidade precisa de melhoramentos, outro tanto acontece às freguesias rurais, incluindo aquelas menos favorecidas pela sua situação, cuja circunstância já é um factor que muito as prejudica. Já se, no geral, que as freguesias mais favorecidas são exactamente aquelas que não lutam com sérias dificuldades como algumas outras, que vivem num perpétuo esquecimento, sem que chegue até junto delas a recompensa dos sacrificios feitos pelos seus habitantes, que se encontram privados das mais indispensáveis comodidades. Considero comodidades indispensáveis, sobretudo as seguintes:

Escolas, boas vias de comunicação e higiene. Independentemente de outros, são estes os principais problemas que se encontram sem resolver em várias freguesias do Concelho de Guimarães, mas mais acentuadamente naquelas que estão mais afastadas da sede do concelho. Quanto a instrução, veja-se — e isso torna-se fácil — o número de freguesias onde não há uma escola ou onde não há as precisas a-fim-de receberem todas as crianças na idade escolar. No que respeita a vias de comunicação, também me consta que certas freguesias se encontram péssimamente servidas. Sobre higiene, isso, então, é um verdadeiro flagelo para os habitantes de algumas que nem água pura têm, estando a utilizar-se de água *encharcada*, reconhecidamente perigosa para a saúde. Assim acontece, por exemplo, nas freguesias de Moreira de Cónegos, Infias, Atáis, etc., que se encontram sem água, facto a que o «Notícias», já se tem referido, mas, infelizmente, sem resultado, o que não é por culpa sua.

E', pois, da maior justiça que se façam espalhar por todo o Concelho os benefícios concedidos por intermédio da C. A. do Município ou do próprio Estado, satisfazendo as mais urgentes necessidades de todas as freguesias do concelho, sem distinção de *freguesias fidalgas* ou *freguesias pobres* e sem a preocupação de agradar ou desagradar a determinadas influências, que muitas vezes apenas servem para criar os mais complicados embaraços a quem está animado das melhores intenções e com a melhor vontade de proceder com justiça, atendendo uns e outros. Porque na freguesia X há quem defenda o seu progresso, há quem *pese na balança*, há quem tenha a sua *clientela favorita*, etc., etc., mas porque na freguesia Y já não sucede o mesmo, entendo não ser este o motivo para servir de base a uma diferença de tratamento, que prejudica certas freguesias em benefício de outras. Portanto, a verdadeira política, a política do concelho, aquela que pode agradar a todos, deve assentar em moldes diferentes daquelas que algumas C. A. têm seguido, porque, se assim não fôra, as freguesias esquecidas e abandonadas, especialmente as mais *sertanejas*, não teriam sido vítimas do desprezo a que têm sido votadas. Oxalá que a C. A. actual seja a primeira a fazer justiça a estas minhas despretensiosas palavras, que não são escritas a título de censura a quem quer que seja, mas tam somente com o fim de tornar conhecidos os muitos queixumes que tenho ouvido. Admitindo a hipótese de que nem todos esses queixumes são justificados, o certo é que a maior parte deles deve ser lido, porque a Imprensa a eles se tem referido e não me consta que qualquer desmentido tenha sido feito por quem de direito. Se há quem diga ou quem julgue que a voz do povo está em plano secundário, eu supponho que deve ser o contrário, porque é esse povo que deve dizer da sua justiça, competindo aos seus representantes atendê-lo conforme fôr de direito. E se cada freguesia tem a sua Corporação Administrativa — a Junta de freguesia, por que não há de a C. A. do Município orientar a sua Obra de Administração de acordo com as referidas Juntas? Para isto, seria bastante o seguinte: A C. A. organizava um questionário, salientando, de preferência, esta pergunta, feita à Junta:

«O que entende dever fazer-se nessa freguesia sobre o que diz respeito a instrução, higiene e obras (caminhos, etc.)?»

Como esta, outras perguntas se poderiam fazer e dêste modo, a C. A. ficava a saber das principais necessidades das freguesias do concelho, as quais iria satisfazendo de harmonia com os recursos do Município, principiando pelas de maior urgência. E assim se atenderiam *gregos e troianos*, desaparecendo o descontentamento e a crítica. Uma Obra Administrativa a que presidisse este critério, seria, de facto, uma Obra pelo progresso de Guimarães — cidade e Concelho.

RAMIO.

Despedida

Diligencieii apresentar os meus cumprimentos de despedida a todas as pessoas que me honraram com a sua amizade durante a minha permanência em Guimarães, o que não consegui. Venho, pois, fazê-lo por este meio, certo de que me desculparão. A todos reitero os meus melhores agradecimentos e ofereço o meu limitadíssimo préstimo em Coimbra.

Guimarães, 27-IX-934.

Manuel J. Ferreira da Costa.

Instituto Nacional do Trabalho e Previdência

Foi-nos enviada a seguinte

NOTA OFICIOSA

do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência — Delegação do Distrito de Braga

Tendo sido distribuída por todas as fábricas dêste distrito uma circular em que por esta Delegação se pedem indispensáveis esclarecimentos sobre salários e número de trabalhadores, e tendo-se verificado que algumas entidades não responderam, informa esta Delegação de que não poderá ter seguimento qualquer pretensão destas entidades para alteração das condições normais de trabalho, sem que elas cumpram as determinações da referida circular.

A Bem da Nação.

Braga, 22 de Setembro de 1934.

O Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Braga,

José Maria Miranda da Rocha.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Vimos, nesta cidade, os nossos amigos srs. dr. Manuel Ferreira da Costa, P.º Arménio Faria de Brito, Coronel Luís Pereira Loureiro, José Rodrigues Braga e António de Araújo Dantas.

— Regressaram da Figueira da Foz e da Póvoa de Varzim os nossos amigos srs. drs. Fernando Lopes de Matos Chaves e Domingos Mendes Fernandes.

— Da Póvoa de Varzim regressaram também muitas famílias que ali se encontravam a veranear.

— No regresso do Gerez, onde estiveram a uso de águas, estiveram nesta cidade, de visita ao seu cunhado e irmã, o sr. Pedro da Silva Freitas e ex.ª esposa, o nosso amigo sr. Armando de Andrade Vieira, importante comerciante do Porto e sua esposa, a sr.ª D. Emilia Gomes Nunes.

— Com sua família, regressou de Ribeiros, Fafe, o nosso bom amigo, sr. José Dias de Castro.

— Partiu para o Brasil o nosso amigo, sr. José Braz Dourado. Desejamos-lhe boa viagem.

— Com sua esposa, seguiu para Ferrel de Basto, o nosso amigo, sr. Capitão José Guedes Gomes.

DOMUS MUNICIPALIS

Em sua sessão de quarta-feira, a C. A. deliberou, por proposta do vereador sr. A. Lel. de Carvalho: Enviar à Comissão de Estética o projecto relativo ao Castelo dos Almadas e que, entretanto, a Repartição de Obras mande fazer um tapume no sentido de atenuar o espectáculo antipático daquelas ruínas; e expropriar, de acordo com o respectivo proprietário, a casa do Caldeireiro, sita na rua 31 de Janeiro, para efeito de alinhamento e embelezamento daquela artéria.

O mesmo sr. vereador comunicou à Câmara o resultado dumas *démarches* sobre o Teatro Municipal e propôs a avaliação e demolição dumas casas da rua França Borges, para prosseguimento da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

5 de Outubro. Deliberou, também, a C. A. comemorar a data da Implantação da República.

Camisas?

Só TABU à venda na Casa das Gravatas.

PRODUTOS TOKALON

Pó de arroz, cremes e rouge

— na Casa das Gravatas

Crónica Desportiva

As Festas do XII Aniversário do «Vitória Sport Club»

Conferências Atletismo e Football

Com a conferência do conhecido árbitro, sr. Eloi Silva, realizada em 21 do corrente, foram iniciados os festejos comemorativos do XII aniversário da fundação do «Vitória Sport Club».

Depois do discurso de abertura, proficentemente dito pelo Presidente da Direcção, Ex.º Sr. Dr. José Pinto Rodrigues e das saudações dirigidas ao distinto conferente, o sr. Eloi Silva tomou a palavra e principiou por elogiar a actual Direcção pela maneira como sabe fazer impor o bom nome do Club.

O tema da conferência «Arbitragem e Desporto em geral» agradou deveras, especialmente na parte referente a arbitragens e agressões a árbitros, de cujos conselhos difundidos muito terão a aproveitar os desportistas, quer praticantes quer simples apaixonados.

Terminado, recordou em palavras fluentes o início da nacionalidade, o valor de Guimarães como terra de trabalho, o seu carácter íntegro e acrisolado patriotismo—hino este que lhe valeu uma quente saudação por parte da numerosa assistência que atento o escutava.

Foi-lhe fornecido um «Porto de Honra» que deu ensejo à troca de affectuosos brindes.

Provas de Atletismo

Pelas 9 1/2 horas de domingo, à chegada dos componentes do «Atletico Club de Braga», houve recepção aos visitantes, sendo-lhes apresentados os agradecimentos pela sua valiosa cooperação nesta festa, agradecimentos saídos da boca do Vice-Presidente do V. S. C., Ex.º Sr. Dr. Adelino Ribeiro Jorge, que focou, o grande orgulho dos desportistas vimaranenses em receber os seus companheiros de Braga—têrrima já porque se encontra situada neste soberbo rincão que é o Minho, já porque administrativamente está incorporada no distrito a que pertence Guimarães.

Pelas 10 horas, no Campo de Benlhevai, teve início a primeira parte do programa de Atletismo que acusou os seguintes resultados:

- 80 Metros—1.ª Eliminatória
1.º Nuno Palha (A. C. B.)—10 segundos
2.º Hermínio de Azevedo (A. C. B.)
3.º Elisio Abreu (V. S. C.)

- 2.ª Eliminatória
1.º Ernesto Gomes Pinto (A. C. B.)—9 3/5 s.
2.º Júlio Faria
3.º Guilherme Pereira
4.º José António Marques (V. S. C.)

- 1000 Metros—Final
1.º Rui Amorim (A. C. B.)—31 1/5 s.
2.º Manuel Pereira
3.º Carlos Sampaio
4.º José Fernandes (V. S. C.)
5.º Joaquim Loureiro (A. C. B.)
6.º António Torres (V. S. C.)
7.º Casimiro Guimarães (A. C. B.)

- Lançamento de Pêso Final
1.º António Marques (A. C. B.)—13m,48
2.º José Tacho (A. C. B.)—13,32
3.º José Marques—(A. C. B.)
4.º António Faria (V. S. C.)—10m

- 150 Metros—1.ª Eliminatória
1.º Nuno Palha (A. C. B.)—18 s.
2.º Hermínio de Azevedo (A. C. B.)
3.º Jaime Castro (V. S. C.)

- 2.ª Eliminatória
1.º Gomes Pinto (A. C. B.)—19 s.
2.º Hermínio de Azevedo (A. C. B.)
3.º José António Marques (V. S. C.)

Pelas 15 horas a Banda da Oficina de S. José percorreu as principais artérias da cidade e dirigiu-se para o Campo, onde prosseguiram as provas de Atletismo.

- 80 Metros—Final
1.º Nuno Palha (A. C. B.)—9 1/5 s.
2.º Gomes Pinto
3.º Júlio Faria
4.º Hermínio de Azevedo

- Lançamento de Disco—Final
1.º António Marques (A. C. B.)—34m,72
2.º José Taxo 27m,91
3.º Rui Amorim

- 300 Metros—Final
1.º João Pedro Valença (A. C. B.)—39 1/5 s.
2.º Rui Amorim
3.º José António Marques (V. S. C.)

- 150 Metros—Final
1.º Nuno Palha (A. C. B.) 18 1/5 s.
2.º Júlio Faria
3.º Gomes Pinto
4.º Hermínio de Azevedo

- Lançamento de Dardo
1.º António Marques — 44m,28 (Campeão Nacional)
2.º António Faria (V. S. C.) 31m,35
3.º José Taxo (A. C. B.)

- Salto em Altura
1.º Anibal Marques (A. C. B.)—1m,60
2.º Gomes Pinto — 1m,45
3.º José Silva (V. S. C.) — 1m,40

Efectuaram-se ainda saltos à vara e a corrida de estafetas que foi ganha pela equipe do «Atletico Club de Braga»—3x150.

A's 17,30 uma girândola de foguetes anunciou o sensacional desafio de football para disputa da Taça Câmara Municipal de Guimarães.

Vitória vence os Galitos de Aveiro por 5-0. A's 17,30 entra o «Club dos Galitos», que saída a assistência. Dois minutos depois entra o «Vitória» que procede de igual modo. O árbitro do Colégio Portuense, chama os grupos ao centro. Procede-se à entrega dum galhardete feito pela ex.ª Direcção do grupo

visitante, e após ligeiras saudações, ouvem-se os «urrahs (!)» do estilo. Escolhido o terreno, coube a saída ao grupo vimaranense que joga contra o sol. As linhas apresentam a seguinte constituição:

Vitória: Adélio; Paredes e Maneca; Freitas, Gonçalves e Mário; Constantino, Monteiro, João Jesus, Virgílio e Vieira. Galitos: Alberto Martins; Pedro Moreira e Vendaval; Loureiro, Jacinto Duarte e Soares; Flávio, Neca, Simões, Chico e Adão.

O «Vitória» no 1.º tempo marcou 3 goals, demonstrando uma técnica de jôgo superior à do adversário, que teve o seu esteio em Alberto Martins e defesa-esquerda. O «Galitos», nesta parte de jôgo, só duas vezes conseguiu ir junto das redes vimaranenses, e, pelo engarramento a que foi sujeito, pois contamos 9 jogadores à defesa, deu origem à marcação de vários «corners» quando não favorecido pela má actuação dos extremo-direito e interior-esquerdo do «Vitória» em jogadas que se desenvolveram.

Na 2.ª parte, depois de marcados mais 2 goals pelo team de honra de Guimarães, a feição do jôgo tomou um carácter de dureza e violência, que não se explica de modo algum, resfriando o interesse que o match vinha despertando. E, com a saída de três jogadores, oferecem-nos o triste espectáculo de 9 contra 10, a impassibilidade de uns e a ansia de marcar de outros, a perda de moral e o football de repelões.

Sem querer imiscuir-nos nas decisões de sr. António Neves, a quem prestamos homenagem pela competência revelada em campo, por mais que uma vez, e pela sua categoria de árbitro internacional, achamos que elas não foram determinadas por aquele critério desportivo que eleva e beneficia, certos de que nem só a dureza deve ser exalçada na prática de football e também de que urge evitar revanches que desprestijem. O desporto deseja irmanar os homens e não criar inimigos de traiçoeiras intenções; pretende servir de intercâmbio das raças e dar ao mundo uma lição de humanitarismo físico e intelectual. Porém, consentir em que se falseie a utilidade do desporto, permitir entradas que magoem e firam, a ponto de meter uma costela dentro ou partir qualquer osso das pernas, deixar fungar cotoveladas ao baixo ventre e conformar-se com uma distensão muscular—decreto que nada traz de proveitoso para quem deseje sujeitar-se à prática de qualquer ramo desportivo.

Nesta conformidade, o carácter violento que o desafio último ia assumindo, prova que a linha dianteira do «Vitória» foi dura, como muito bem disse o capitão do team dos «Galitos», sr. Alberto Martins, e demonstra à evidência que os representantes de Aveiro abusaram da violência para garantia de score que não chegaram a abrir.

Terminado o desafio, pelo ex.º sr. Presidente da Câmara Municipal foi entregue ao club vencedor a Taça em disputa, repetindo-se as manifestações de regosijo.

Espectador.

Campeonato Distrital Jogos a realizar (1.ª mão)

Na passada terça-feira realizou se, na sede da Associação de Football de Braga, o sorteio para os jogos de campeonato a efectuarem-se no decorrer dos meses de Outubro e Novembro, cabendo ao «Vitória» as seguintes competições:

- Out. 7—Vitória contra Gil Vicente
14— " " F. C. Famalicão
21— " " Maria da Fonte
28— " " Espozende
Nov. 4— " " Comercial, de Braga
11— " " Sporting de Fafe
18— " " Sporting de Braga

Os campos serão designados brevemente, de comum acôrdo com as Direcções dos referidos clubs.

Música no Jardim

A Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, executa hoje, das 21 às 23 horas, o seguinte programa:

1.ª Parte — El Niño de Estrela, Paso-Doble, Texidor; Norma, Sinfonia, Béllini; The Gheicha, opereta, Sidney Jones; La Madre del Cordero, Zarzuela, Guerrero.

2.ª Parte — Suit Portuguesa, Ruy Coelho; Engañador, Schotis, Texidor; Maria del Carmen, Paso Doble, Texidor. Este é o último concerto que a banda realiza a expensas da Câmara Municipal, sendo justo dizer-se que aquele agrupamento artístico da nossa terra, na série de concertos realizados, não só satisfaz pela boa execução dos seus repertórios mas, também, proporcionou aos vimaranenses alguns momentos de agradável passatempo.

Concerto Musical

A Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, desejando testemunhar o seu reconhecimento à Comissão Administrativa da Câmara Municipal, pela honra que lhe deu, contratando-a por 3 meses, para realizar concertos no nosso Jardim Público, vai dedicar-lhe, amanhã, um concerto, estando já convidados alguns valiosos elementos portuenses a fim de reforçarem a Banda. O programa a executar é o seguinte:

1.ª Parte: — Aeronauta, Marcha, Caldeira; Der Freichutz, Ouverture, Weber; Carmen, Seleção, Bizet; Festa Dinozze, Fantasia in 3 tempos, Manente, Marquina. a) Alegria no Povo b) Na Igreja c) Festa em Família.

2.ª Parte — Rapsódia Portuguesa, Figueiredo; Miragem, Valsa, Taborda; El Sueño de Artista, Paso-Doble.

Visado pela Comissão de Censura.

Da Cidade

Liceu de Martins Sarmiento— Terminou ontem o pagamento da matrícula dos alunos que se inscreveram neste liceu.

Os alunos da 1.ª classe e os que se matricularam pela primeira vez neste liceu, na 3.ª classe, que residam na cidade e nas freguesias limítrofes, devem comparecer no liceu para serem inspecionados, no dia 4 de Outubro, pelas 15 horas.

Os restantes alunos da mesma classe e os que se matricularam pela primeira vez, neste liceu, na 3.ª classe que residam fora da cidade, devem comparecer, para o mesmo fim, no dia 6 de Outubro, pelas 15 horas.

A abertura solene das aulas realizar-se-á no próximo dia 6 de Outubro pelas 11 horas. Devem comparecer a este acto todos os alunos. Aquêles a quem foram atribuídos prémios não os receberão se não estiverem presentes.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso bom amigo e estimado empregado superior da agência «Singer», sr. António Azevedo Ferreira. Parabéns.

Transcrição — O nosso prezado colega «Correio do Minho» transcreveu, no seu número de domingo passado, o artigo «Evolução do Desporto em Guimarães», da autoria do nosso distinto colaborador sr. L. C., publicado no nosso último número. Agradecemos.

«Notícias de Guimarães» — Tanto nesta cidade como em diversas outras localidades do país, onde foi posto à venda, teve o melhor acolhimento, sendo muito apreciado, o último número do nosso jornal.

Romaria de S. Mateus — Decorreu animada e largamente concorrida a romaria de S. Mateus que, no passado domingo, se realizou na freguesia de Gonça.

Ministro das Colónias — Na quinta-feira esteve em Guimarães, de passagem, o sr. Ministro das Colónias, que se fazia acompanhar de sua esposa.

Cumprimentaram-no os srs. António José Pereira de Lima, administrador do Concelho, drs. Arménio Caldas e Castro Ferreira, e os srs. João Teixeira de Aguiar e Joaquim Ferreira Monteiro.

Embaixatriz de Portugal em Madrid — Esteve nesta cidade, durante alguns dias, a sr.ª Embaixatriz de Portugal em Madrid.

Companhia de Seguros «La Nacional» — Pelo ministério dos Negócios Estrangeiros foi comunicado ao sr. administrador do Concelho que a Companhia de Seguros «La Nacional» foi condenada a pagar a pensão anual de 1.170 francos a Maria do Patrocínio, do lugar de Campelos, freguesia de Ponte, deste concelho, viuva do sinistrado Francisco Faria, morto em França, de desastre no trabalho.

Incêndios — Na terça e quarta-feira, houve princípio de incêndio em habitações de pobres, no lugar de Franco, freguesia de Azurém, e nas ruas de Couros e da Liberdade. Os prejuizos foram pequenos.

Para a organização de um Calendário de Jogos

29 de Junho — Vitória vence o Ramaldense Football Club, do Porto, por 5 a 0

Época de 1924-1925

1 de Novembro — Vitória empata com o Desportivo Famalicense, em Famalicão, por 5 a 5

2 de Maio — Vitória vence o Boavista Football Club de Braga, na inauguração do campo dos Caçadores das Taipas por 2 a 1

7 de Junho — Inauguração do Campo da Perdiç. 2.ª categorias: Vitória contra Football Club de Fafe, empata por 1 a 1

12 de Julho — Inauguração do Campo da Perdiç. 2.ª categorias: Vitória contra Football Club de Fafe, empata por 1 a 1

12 de Julho — Infantil do Vitória perde com o Infantil do Sporting de Braga por 3 a 1

2 de Agosto — Vitória empata com o Salgueiros, do Porto, por 1 a 1

3 de Agosto — Vitória vence o Atlético Sport Club de Guimarães por 3 a 0

Época de 1925-1926

11 de Outubro — Infantil: Vitória perde com o Sporting de Braga por 4 a 2

1.ªs Categorias: Vitória empata com o Sporting de Braga por 1 a 1

Jôgo Particular 25 de Outubro — Vitória vence o Sporting da Póvoa, na Póvoa de Varzim, por 4 a 2

2 de Novembro — Vitória perde com o Desportivo Barcelense por 4 a 1

16 de Novembro — O Infantil do Vitória vence o Infantil do Sporting de Braga por 2 a 1

14 de Dezembro — Vitória perde

com o Sporting de Braga, em Braga, por 11 a 1
3 de Janeiro — Infantil do Vitória perde com o Infantil do Sporting de Braga, nas Taipas por 1 a 0
29 de Fevereiro — Vitória contra o União de Barcelos, vence a este por 2 a 1
7 de Março — Seleção do Vitória e nas freguesias limítrofes, devem comparecer no liceu para serem inspecionados, no dia 4 de Outubro, pelas 15 horas.

14 de Novembro — Vitória perde com o Marinho Football Club, do Porto, por 3 a 0

21 de Novembro — Vitória perde com o Desportivo de Barcelos, por 2 a 1

12 de Dezembro — Vitória perde com o Sporting de Braga, em Braga, por 3 a 0

12 de Dezembro — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Sporting de Braga, por 2 a 0

19 de Dezembro — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Football Club de Fafe por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

Jogos Particulares 3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

3 de Abril — Infantil do Vitória ganha ao Infantil do Académico, do Porto, por 2 a 0

18 de Fevereiro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por 4 a 1

Casa dos Pobres

Na próxima terça feira, às 21 horas, reinem na Casa dos Pobres, à rua de S. Dâmaso, todos os subscritores desta grande obra de assistência, que muito honra Guimarães.

A ordem dos trabalhos será: discussão e aprovação dos estatutos, a que a seguir damos publicidade, e eleição dos membros da Direcção para o biênio que termina em 30 de Junho do próximo ano.

CAPITULO I Organização e Fins

Artigo 1.º — Em edificio cedido pela Câmara Municipal, na rua de S. Dâmaso desta cidade, e com a administração independente, é creada uma Instituição de Assistência denominada «CASA DOS POBRES».

Art. 2.º — Os fins da «Casa dos Pobres», são:

1.º Contribuir para a repressão da mendicidade e da vadiagem nas ruas da cidade de Guimarães e nas restantes localidades do Concelho.

2.º Socorrer, ou fazer que sejam socorridos por outras entidades, os pobres envergonhados do concelho.

3.º Fornecer albergue temporário aos indigentes do concelho, que se encontrem sem morada ou aos de fóra d'êlle que estejam de passagem na cidade.

4.º Fazer seguir para as suas terras os mendigos estranhos à cidade que sejam encontrados a esmolar nas suas ruas, proporcionando-lhes alimentação e transporte até chegarem ao seu destino.

5.º Elaborar, com a possível exactidão, a relação dos pobres da cidade e concelho que sejam dignos de assistência.

6.º Melhorar, dentro das suas possibilidades, a situação material e moral das famílias indigentes.

7.º Manter uma cozinha económica que fornecerá às classes proletárias alimentação a preços módicos.

Art. 3.º — Para a realização dos fins expressos em o n.º 1, do art.º anterior, a Casa dos Pobres empregará os seguintes meios:

a) Internamento em asilos ou outros institutos, dos mendigos há mais de um ano residentes no concelho, que pela sua idade e incapacidade física se acham impossibilitados para o trabalho e não tenham pessoas de família que os possam auxiliar.

b) Internamento em asilo, oficinas, creches ou colégios, dos menores, especialmente dos órfãos de pai e mãe, que se entreguem à vadiagem.

c) Concessão de subsídios semanais ou quinzenais aos indigentes da cidade que não tendo pessoas de família que os sustentem, sejam manifestamente incapazes para o trabalho e por isso impossibilitados de angariarem os meios de subsistência.

d) Consequação de trabalho aos mendigos que sejam aptos para êle e bem assim aos menores que se entreguem à vadiagem e não necessitem de internamento immediato nas casas a êsse fim destinadas, por não se acharem preventidos.

§ Único — O meio indicado na alínea c) d'êste artigo poderá ser substituído pelo fornecimento de alimentos, preparados ou não, se a Direcção o achar mais conveniente.

Art. 4.º — Para satisfazer ao preceituado no artigo antecedente incumbirá à Policia de Guimarães o cumprimento do estatuido em o n.º 10 do art. 34 e n.º 5 do art. 40 do Regulamento dos Corpos de Policia Civil, aprovado por decreto de 21 de Dezembro de 1876, a qual prestará à Casa dos Pobres todo o auxilio e colaboração na parte respeitante a êstes serviços.

Art. 5.º — A Cozinha Económica a que se refere o n.º 7 do art. 2.º d'êstes Estatutos, embora anexa à Casa dos Pobres, e administrada pela sua Direcção, terá (Conclue na 4.ª página).

Do Concelho

S. Torcato, 26. Várias notícias

Na terça-feira da semana passada, seguiu desta freguesia para Lourenço Marques, a juntar-se a seu marido, a professora oficial, ex.ª sr.ª D. Maria Samarina Pereira. Foi acompanhada de sua mana a sr.ª D. Idalina Pereira.

Durante três anos que aqui exerceu o seu mister, foi uma funcionária exemplar, trabalhadora, levou muitas crianças a exame de 2.º grau, e desenvolveu muito a instrução pública.

A sua retirada desta freguesia deixa, à população de quatro freguesias, profundas saudades.

Fazemos votos para que tenha muito boa viagem e seja muito feliz.

— Na sua importante propriedade de Paços, da freguesia de Gonça, encontra-se com sua ex.ª familia o nosso amigo ex.º sr. José Torcato Ribeiro, importante industrial em Guimarães.

Procedente da capital, encontra-se, na sua linda vivenda do Outeiro, freguesia de Gonça, o nosso estimado amigo ex.º sr. José de Mato Cid, digno farmacêutico e proprietário, acompanhado de sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Maria de Andrade.

— Aproxima-se o início do ano lectivo, e a escola official da sexo feminino, desta freguesia, com a exoneração inesperadamente concedida a professora official, sr.ª D. Maria Samarina Pereira, que seguiu para Africa, ficou abandonada sem regente.

E assim, estamos em risco de ver ficarem as crianças ao abandono, sem quem lhes ministre o ensino.

Ao ex.º sr. Inspector-chefe do distrito escoar de Braga solicitamos a substituição da professora aqui referida, e a sua digna intervenção para que no próximo ano lectivo, sejam preenchidos os dois novos lugares de professores, ultimamente criados, na Escola de S. Torcato.

Aqui fica o nosso pedido, que é justo, e que sua ex.ª se dignará atender.

— A Comissão Administrativa de Junta de freguesia de S. Torcato já solicitou, da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, o material didáctico indispensável para os dois salões devoltos da Escola official de S. Torcato.

— A ex.ª sr.ª D. Josefa Ribeiro de Faria Abreu, grande proprietária, desta freguesia, já instalou a luz eléctrica no seu lindo prédio do Boufim.

Felicitemos aquella illustre senhora pelo óptimo melhoramento que introduziu na sua morada.

— Na vizinha freguesia de Gonça, realizou-se, no pretérito domingo, a Romaria S. Mateus, que foi muito concorrida.

Foi abrilhantada por uma banda de música.

Constou de missa solene, sermão por

Rampal.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

existência tanto quanto possível autónoma e reger-se-á por regulamento especial.

CAPÍTULO II Da Direcção

Art. 6.º - A Direcção desta instituição inenubrirá a uma Comissão de cinco membros, dois dos quais serão sempre o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e o Administrador do Concelho, sendo os três restantes com os respectivos substitutos, eleitos pela Assembleia Geral dos Subscritores da Casa dos Pobres de entre os mesmos subscritores. Os membros da Comissão distribuirão entre si os cargos da Direcção.

§ 1.º - Para melhor desempenho das suas atribuições, a direcção poderá agregar a si uma Comissão Auxiliar composta de senhoras.

§ 2.º - Serão bienais e gratuitas as funções dos membros eleitos da Comissão, os quais coincidirão com o biénio económico.

§ 3.º - A Comissão reunir-se-á ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente sempre que o exijam as necessidades da Instituição.

§ 4.º - Todos os actos de Administração da "Casa dos Pobres", pertencem à Direcção, que poderá contratar o pessoal necessário aos serviços, autorizar despesas, cobrar receitas, dentro das disponibilidades orçamentais e realizar quaisquer outros actos de Administração, sem dependência de autorização da Assembleia Geral.

CAPÍTULO III Das Receitas e Contabilidades

Art. 7.º - Constituem receita da "Casa dos Pobres":

1.º O produto das quotas dos subscritores particulares.

2.º O subsídio anual concedido pela Câmara Municipal.

3.º As verbas de assistência provenientes da Administração do Concelho.

4.º Os donativos da Junta Geral do Distrito, concedidos de harmonia com o § 2.º, art. 1.º do Dec. n.º 14.991, e os de quaisquer associações ou particulares.

5.º Esmolas, legados, doações ou heranças.

6.º O produto de rifas ou bazares.

7.º O produto de espectáculos públicos.

8.º A parte da verba votada para a beneficência pela Comissão Distrital de Assistência Pública do Distrito.

9.º Qualquer outra receita aqui não especificada.

Art. 8.º - A gerência financeira da

"Casa dos Pobres", far-se-á por anos económicos e ficará sujeita à legislação administrativa que rege as Instituições de Beneficência.

§ único - A Comissão elaborará um relatório do movimento da assistência, expondo os actos da sua administração e indicando as necessidades a que deva prover-se quando as não possa remediar, o qual será apresentado à Assembleia Geral, para o efeito da sua aprovação e publicação.

CAPÍTULO IV

Dos Sócios e da Assembleia Geral

Art. 9.º - São sócios da "Casa dos Pobres", de Guimarães todos os subscritores que contribuam para a Instituição com qualquer quota mensal.

Art. 10.º - A Assembleia Geral é

constituída pelos sócios da "Casa dos Pobres", nos termos do artigo anterior.

Art. 11.º - A Assembleia Geral reunir-se-á anualmente para aprovação do relatório e contas da Direcção, dentro do prazo de trinta dias após o termo do ano económico, e biennialmente para a eleição dos membros eleitos da Direcção, dentro dos últimos trinta dias do biénio da gerência.

Art. 12.º - A Casa dos Pobres não poderá dissolver-se, sem que para isso a Câmara de Guimarães tenha dado o seu voto favorável.

Art. 13.º (transitório) - A Direcção eleita pela Assembleia Geral que aprovar estes Estatutos terminará o seu mandato em 30 de Junho de 1936.

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

EM S. TORCATO

A Pensão-Restaurante Central, de Manuel da Silva Leite, fornece almoços, jantares e serviço à lista a excursionistas, turistas eromeiros, ao ar livre e a preços convidativos. Aceitam-se comensais. — Magníficos aposentos. Recomendam-se os vinhos verdes da cave desta casa.

OFICINA DE PINTURA ARTE DECORATIVA

de M. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Porto como na provincia. Pintura de prédios, tabletes, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata. Consertam-se louças antigas e outros objectos de valor estimativo. Informa-se nesta redacção.

957, R. Fernandes Tomaz, 959 PORTO 32, Rua do Estêvão, 34

A IMPERIAL Impera pelas seguintes divisas:

Preços módicos! Fino gosto! Colossal sortido!

Deseja V. Ex.^a ver confirmadas estas afirmações?

Queira dirigir-se à Praça D. Afonso Henriques, 117 - Guimarães
PREÇOS FIXOS. VENDAS A DINHEIRO.

FOTOGRAFIA BELEZA

A esta casa revendedora dos afamados produtos AGFA, podem os Ex.^{mos} amadores confiar os seus trabalhos, pela rapidez na execução e perfeito acabamento.

Todos os trabalhos são entregues no prazo máximo de 24 horas.

Lições particulares

Professora, legalmente habilitada, lecciona, particularmente, qualquer classe de instrução primária e ensina rendas de bilros.

Professor, com longa prática de ensino, lecciona, também particularmente, o Francês e o Inglês Comercial.

Dá informações o Director deste jornal.

Venda de Quintas

No dia 7 de Outubro próximo, pelas 12 horas, na Secretaria da Misericórdia da Vila de Felgueiras, são vendidas em hasta pública as quintas da Alvura e de Penas, com casas de habitação, e diversas propriedades, tudo situado na freguesia de Regilde, e a quinta da Vinha, e umas azenhas, na freguesia de Vilafria, do concelho de Felgueiras.

Aos académicos

Recebem-se académicos dos primeiros anos do Liceu, em casa particular, com óptimo tratamento.

Falar nesta redacção.

Aos dig.^{mos} industriais

Comissionista fazendo Alentejo e Algarve, deseja mostruário de calçado de homem ou senhora. Conhece bem artigo e clientela, recebendo igualmente mostruário de outros artigos vendáveis.

Dirigir carta a este jornal às letras A. D.

COMPRANDO NA NOSSA CASA

COMPRA

BOM E BARATO

Camisaria Martins

CASA-DAS-MEIAS

Casa de Santa Teresinha
Papellaria. Artigos Religiosos.

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

R. 31 de Janeiro -- GUIMARÃIS

A CASA SALGADO

REFLECTE-SE EM TODOS OS LARES E INTERESSA GRANDEMENTE

BOM SORTIDO. PREÇOS MINIMOS. BÓNUS MENSAIS.

Por tão comprovadas razões, devem V. Ex.^{as} preferir

A CASA SALGADO

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

GUIMARÃIS -- R. 31 de Janeiro

BÓNUS MENSAIS - *Agosto*: Foram contemplados os nossos clientes do dia 17. Recebem, portanto, em fazendas à sua escolha, metade do valor do talão que lhes entregamos naquele dia.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Jornal defensor dos interesses do PÚBLICO - SE AOS DOM

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO BRANCO 30

Ex.^{mo} Snr.

Sociedade Martins Sarmiento

GUIMARÃIS